

Produção Científica e Tecnológica e Qualidade de Vida

Carlos Botazzo*

Seriam óbvias as relações entre os produtos da Ciência e as condições de existência (habitação, renda, educação, alimentação, transporte)? Não tão óbvias que dispensassem comentários nem tão escassas a ponto de nos interrogarmos, então, sobre o valor e as finalidades da Ciência. Neste breve ensaio pontuarei algumas questões que me parecem relevantes ao tema.

As considerações teóricas acerca da Qualidade de Vida (QV) são cercadas por polêmicas e ambigüidades. Inicialmente pelo fato de “qualidade” ser antes um traço da subjetividade e depois porque, a despeito dos esforços para estabelecer critérios objetivos com vistas à sua medida, da parte dos formuladores de políticas, entra em cena a subjetividade do formulador, isto é, qual a intenção ou o sentido que se desejou atribuir a cada um deles, o que significa não apenas o “quantum” de qualidade se deseja estimar mas também qual modalidade “quali” entra em cena. Seria por esse duplo caráter, pela sobreposição dessas duas formas de subjetividade, enfim, que poderíamos explicar a formidável dispersão de indicadores.

De fato, são conhecidos em torno de 10 modalidades distintas, dos quais a análise revela as intenções e os limites (MINAYO, HARTZ e BUSS, 2000). Se focamos, como fazem esses autores, qualidade de vida na Saúde, acrescentamos mais possibilidades de significados pelo fato de juntarmos dois conceitos – Saúde e Qualidade de Vida - altamente polissêmicos. Por isso, afirmam: “... o tema qualidade de vida é tratado sob os mais diferentes olhares, seja da ciência, através de várias disciplinas, seja do ponto de vista objetivo ou subjetivo, seja em abordagens individuais ou coletivas. No âmbito da saúde, quando visto no sentido ampliado, ele se apóia na compreensão das necessidades humanas fundamentais, materiais e espirituais e tem no conceito de *promoção da saúde* seu foco mais relevante (ibidem, p. 15, grifos no original).

E o que seriam essas “necessidades humanas”? Para Florestan Fernandes, a vida em sociedade tem por derivação prover a satisfação de necessidades bióticas e biopsíquicas gerais dos seus membros. Numa perspectiva antropológica, encontramos que essas necessidades são satisfeitas de modo regular e constante, seja qual for o modo como as sociedades concretas estejam organizadas com vistas à produção da existência (FERNANDES, 1985, p. 49). O problema se inicia quando, pelos efeitos dessa mesma organização, parte importante da riqueza produzida é apropriada privadamente por grupos sociais distintos daqueles produtores. Sem dúvida, na sociedade capitalista essa apropriação encontra seu vértice, onde nunca tão poucos acumularam tanto. As conseqüências “sanitárias” desta tão formidável expropriação são facilmente detectáveis com os instrumentos da epidemiologia.

Se, como diz Asa Cristina Laurell, “... toda pesquisa das condições de saúde da população é pesquisa da saúde dos trabalhadores” (LAURELL, 1985, p. 255), então neste enfoque faz sentido essa ligação com o processo produtivo. E qualidade de vida aqui não seria a categoria

abstráida do seu contexto mas, antes, a categoria viva porque elaborada na concretude dos problemas práticos da existência de seres concretos. Assim, se as condições de existência se exprimem como *qualidade*, inicialmente devemos nos indagar a que qualidade nos referimos, isto é, *qualidade da vida de quais sujeitos*, e depois parece razoável que as transformações necessárias sejam conduzidas tão autonomamente quanto possível por estes mesmos sujeitos. Admitir, todavia, este postulado implica considerar graus bastante alargados de poder político dos sujeitos ou grupos sociais afetados. Implicaria, em decorrência, a emergência protagônica de classes ou estamentos subalternos e a conseqüente ultrapassagem das relações políticas vigentes na sociedade. Por isso, ainda para Minayo, Hartz e Buss, QV é *noção relativa* que se materializaria na intersecção de três vieses, a saber: os históricos, os culturais e os de classe (ibidem, p. 9).

Dito isto, pontuemos algumas questões. A ciência encontra sua justificação social na medida em que se dedica à investigação de problemas práticos. Este aforismo é particularmente válido para a pesquisa aplicada e, acima de tudo, para a tecnológica. A ciência e a técnica ocupam lugar central na cultura contemporânea e seus produtos garantem produção em larga escala, de alimentos sobretudo (mas não apenas), sem os quais não seria possível manter a população atual de mais de 6 bilhões de indivíduos (HEISENBERG, 2000). A questão seria saber até que ponto qualidade de vida em saúde acha-se na dependência de *novos* conhecimentos científicos e tecnológicos, ou se a superação da má qualidade de vida de milhões de pessoas antes não estaria na dependência de vontades políticas e relações de poder. Isto se explica na medida em que, não raro, insistir na produção de *novos conhecimentos* é recurso destinado a procrastinar a resolução verdadeira do problema existente.

A insistência no uso de indicadores mais precisos, finalmente, não significaria o zelo com que realizamos o exercício intelectual de busca de soluções que, na verdade, antes indicam habilidades em estabelecer correlações entre situações dadas, sem conseqüências, todavia, para os problemas da existência cotidiana?

Referências bibliográficas

FERNANDES F. A sociologia: objeto e principais problemas. In: Ianni O (Org.). Florestan Fernandes (Coleção grandes cientistas sociais, 58). São Paulo, Ática, 1986, 48-75.

HEISENBERG W. A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

LAURELL AC. Saúde e trabalho: os enfoques teóricos. In: Nunes ED (Org.). As ciências sociais em saúde na América Latina. Tendências e perspectivas. Brasília, OPAS, 1985, 255-76.

MINAYO MCS, HARTZ ZMA E BUSS PM. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Ciência e Saúde Coletiva, (5)1, 2000, 7-18.

* Pesquisador científico do Instituto de Saúde, Professor do Programa de Pós-Graduação em Infecções e Saúde pública, CIP/SES-SP. Email: botazzo@isaude.sp.gov.br